



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

Atena
Editora
Ano 2020



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F339	<p>Fenomenologia e cultura [recurso eletrônico] : identidades e representações sociais / Organizador Helton Rangel Coutinho Junior. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-078-0 DOI 10.22533/at.ed.780202805</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Fenomenologia. 3. Identidades. I.Coutinho, Helton Rangel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 323</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book Fenomenologia e Cultura: Identidades e Representações Sociais apresentará dez artigos relacionados a uma diversidade de temáticas que se espraiam em nossos cotidianos de diferentes formas. Antes de iniciar sua leitura cabe uma breve ponderação sobre os conceitos implicados.

Fenomenologia é aqui compreendida como o desvelar de agentes inerentes a fenômenos sociais que permitem a melhor compreensão das relações instituídas nas arenas coletivas. Prima por caracterizações que extrapolem as noções de conflito inerentes a uma situação de exploração decorrente de um sistema de produção, muito comum nas leituras marxianas. Atem-se, principalmente, a dados que permitam aos leitores, por si sós, descreverem e reterem informações referentes ao universo que se abre com as apreciações de materiais coletados expostos de forma a aguçar o espírito crítico e investigador.

Desta feita, todos os artigos presentes englobam aspectos relacionados a formação de identidades e representações sociais em um campo cultural. Cultura é então percebida como o conjunto de valores e práticas sociais vertidas diante de um contexto social. Identidade implica na concepção de projetos de vida que se atrelem a construção de projetos societários. Enquanto representações sociais se referem aos níveis de performance, linguagens, uso da língua, posturas e retratações que infiram percepções sobre identidades e elementos de dados momentos da nossa história e da trajetória de nossas instituições.

Mas calma, no capítulo 1 será esmiuçado um pouco das bibliografias pertinentes aos conceitos de fenomenologia e cultura em suas possibilidades correlatas. Já os capítulos 2 ao 7 referendam experiências práticas relacionadas ao campo da educação em sua multiplicidade de abordagens possíveis, destacando, principalmente, consequentes relacionados a nossa miscigenação cultural e os tensionamentos postos pela valorização dessa que envolvem desde a ressignificação de noções de pertencimento a raízes africanas até questões de gênero decorrentes do perfil de professores.

Em consequente, dos capítulos 8 ao 10, são expostas possibilidades de tratamento do cosmos espraiado por práticas em saúde. Explicitam-se as provocações advindas de todo um ecossistema de fauna e flora, do histórico de algumas fundações em saúde firmadas pela nobreza clerical e dos avanços representados pelos transplantes de órgãos, suas normas e distorções.

Dessarte, os referidos artigos, para sua melhor leitura, perpassam o conceito de hipertexto. Esse requer não só a atenção às narrativas apresentadas por seus autores, mas a percepção de suas interconexões com outras leituras, associações e veículos que lhes dão vida. Salienta-se o conjunto de questões que é trazida

pelo bojo de uma multiplicidade de nuances e repercussões correlatas a realidade hodierna.

Por esse prisma, o elemento cultural marcador, que agrega os diferentes textos aqui apresentados, se relaciona ainda a premente necessidade da multidisciplinaridade de saberes e importância de uma visão integral sobre as arrebações dos viventes e seus dilemas consoante o conjunto de possibilidades postas pelo universo telúrico.

Helton Rangel Coutinho Junior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ: UM PARADIGMA PARA PENSAR A CULTURA	
José Vitor Lemes Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.7802028051	
CAPÍTULO 2	14
LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: UM RESGATE DA CULTURA NEGRA EM PROL DA INSERÇÃO SOCIAL E ELIMINAÇÃO DE RACISMOS E PRECONCEITOS	
Gleides Ander Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.7802028052	
CAPÍTULO 3	25
ASPECTOS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE SOBRE JOÃO PAULO BORGES COELHO	
Patricia de Oliveira Rezende	
DOI 10.22533/at.ed.7802028053	
CAPÍTULO 4	38
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA, CONSTRUINDO A ESCOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “DONA ISABEL”, DO MESTRE TONI VARGAS”	
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7802028054	
CAPÍTULO 5	50
HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/03 NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ	
Nicácia Lina do Carmo	
Leilah Santiago Bufrem	
DOI 10.22533/at.ed.7802028055	
CAPÍTULO 6	58
O ESPAÇO ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: PERTENCIMENTO E REAFIRMAÇÃO CULTURAL	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7802028056	
CAPÍTULO 7	67
SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS	
Maria da conceição Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7802028057	
CAPÍTULO 8	78
A IMPORTÂNCIA DA INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NA REGIÃO CENTRO SUL DO ESPÍRITO SANTO - BRASIL	
Daniele Custódio Gonçalves das Neves	
Katia Cilene Tabai	
DOI 10.22533/at.ed.7802028058	

CAPÍTULO 9	91
AÇÕES DE CONTROLE DA RAIVA ANIMAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE SERRA DA MESA, NORTE DE GOIÁS, BRASIL	
Leonardo Aparecido Guimarães Tomaz	
Valéria de Sá Jayme	
Marlon Zortéa	
Aires Manoel de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7802028059	
CAPÍTULO 10	110
A LITERATURA DEVOCIONAL OS CUIDADOS A SAÚDE EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI)	
André Costa Aciole da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78020280510	
CAPÍTULO 11	123
ANÁLISE DO TRÁFICO DE ÓRGÃOS SOB O ÂNGULO JURÍDICO-SOCIAL	
Marcela Rodrigues Almeida	
Laís Moreira Barros	
Orisval Paulino Dos Junior Santos	
Renata Botelho Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.78020280511	
SOBRE O ORGANIZADOR	135
ÍNDICE REMISSIVO	136

A LITERATURA DEVOCIONAL OS CUIDADOS A SAÚDE EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI)

Data de aceite: 12/05/2020

André Costa Aciole da Silva

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor de História Medieval do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Goiânia.
<http://lattes.cnpq.br/3132866647239215>

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar como a literatura devocional colaborou para a difusão de uma série de ideias associadas à caridade, assistência e misericórdia, e, orientou práticas régias e sociais de apoio a enfermos. Dar-se-á destaque a criação, em fins da Idade Média, do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, nas Caldas da Rainha, e do Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, como exemplos da reforma da assistência aos enfermos.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência, enfermos, hospitais, Idade Média, Portugal, literatura devocional.

THE DEVOTIONAL LITERATURE HEALTH CARE IN PORTUGAL (15TH-16TH CENTURIES)

ABSTRACT: The objective of this article

is to demonstrate how devotional literature collaborated to spread a series of ideas associated with charity, assistance and mercy, and guided royal and social practices to support the sick. The creation of the Nossa Senhora do Pópulo Hospital, in Caldas da Rainha, and the Todos os Santos Hospital, in Lisbon, as examples of the reform of care for the sick, will be highlighted in the late Middle Ages.

KEYWORDS: Assistance, sick, hospitals, Middle Ages, Portugal, devotional literature.

1 | APRESENTAÇÃO

Quando estamos trabalhando diante das práticas em saúde no período final da Idade Média somos forçados a entrar em contato com uma gama de noções que remetem ao apoio a necessitados de cuidados a partir da assistência. Isso porque, junto à noção de assistência, encontramos: a caridade, a misericórdia, a piedade, a fraternidade, a solidariedade, entre outros. Os cuidados à saúde, dessa forma, estão associados à uma multiplicidade de sensações. São expressos como feitos objetivados com fins a dar apoio a quem necessita.

A assistência se apresentava das mais

variadas formas visto à multiplicidade de situações e fragilidades em que as pessoas se encontravam, necessitando, portanto, de diferentes modalidades de atenção.

As formas materiais de assistência, mais conhecidas e estudadas, são: as *gafarias*, *mercearias*, *albergarias* e os *hospitais*. Por serem formas de solidariedade vertical¹, há mais estudos sobre essas do que sobre outras formas de apoio, principalmente, em razão de uma maior documentação vertida por esse segmento.

Resta claro que existiram outras formas de apoio, não sistematizadas, que assistiram aos que mais precisavam e representavam várias formas de solidariedade horizontal (Maruqe, 1989, p. 11-93). Lembremos, por exemplos: dos *bodós* (distribuições de comida); das esmolas, (Abreu, 2010, pp. 347–351); e dos apoios surgidos de maneira espontânea (Almeida, 1973, p. 44.), dentre tantas outras formas de solidariedade. Assim percebemos que a assistência é multifacetada. Em razão disso vamos nos ater apenas em algumas das formas de assistência e alguns dos conceitos vertidos por essa.

Mas, antes de traçarmos o cenário da assistência, no final da Idade Média Portuguesa, nos cabe aqui, breve reflexão sobre quem são os destinatários dessas obras. Afinal, quem assiste, assiste à alguém. Não há assistência sem os assistidos.

2 | PERFIL DOS ASSISTIDOS NA IDADE MÉDIA PORTUGUESA

Está bastante difundida e fundamentada a tese de que as formas de assistência existentes no período medieval voltavam-se, quase exclusivamente, aos pobres. Nos hospitais criados a partir da ação régia, o cuidado com os pobres foi destacado. Importa salientar que foi para a cura dos pobres enfermos que o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, fundado por Dra. Leonor (1458-1525) esposa de D. João II (1455-1495), foi erguido e existe até hoje. Eram também os pobres aqueles que mais atenção recebiam no Hospital de Todos os Santos, em Lisboa.

O olhar sobre os pobres e sobre a pobreza foi, no período medieval, orientado pela doutrina e pela teologia da igreja católica. A exegese bíblica e os vários notados religiosos chegaram, até mesmo, a colocar um acento positivo nas diversas formas de pobreza. Essa foi uma percepção largamente difundida outrora.

Michel Mollat (1989) nos lembra a visão e a funcionalidade dos pobres nos escritos religiosos da alta idade média (Mollat, 1989, pp. 13-18) e de uma perpetuação dessa visão acerca dos mesmos. Para Portugal, em destaque para Coimbra, Maria

1. Entendemos aqui as formas de solidariedade vertical como aquelas promovidas por indivíduos de categoria social mais destacada em favor de outros que se encontram abaixo de seu estatuto social. Por solidariedade horizontal entendemos as instituições de apoio mútuo cuja mais conhecida para o período medieval é, sem dúvida, a confraria. Para o período moderno, outras formas de solidariedade horizontal vão surgir como as irmandades e as misericórdias mas todas com a mesma raiz: o mútuo apoio entre indivíduos que se identificam como iguais em algum aspecto de suas vidas.

Antônia Lopes (2000) tem apontado para a retomada desse discurso, ou seja, o de que os pobres desempenhavam um papel importante na dinâmica social desde o final da Idade Moderna (Lopes, 2000, pp. 23-38).

3 | VALORES EM SAÚDE VERTIDOS PELA IDADE MÉDIA

Dessa feita, importa notar que a espiritualidade e a religiosidade inspiravam a natureza das ações em saúde. Devemos destacar que ao menos parcela dos homens dessa época escolhiam suas posturas a partir de obras específicas que propiciavam a escolha de caminhos em quais assentar os prumos de sua realidade.

Temas como misericórdia, caridade, assistência, ternura, paixão, clemência, bondade e amor tenderam a iluminar as práticas em saúde no período. Contudo, percebe-se que a significância dos referidos temas se misturava. Ivo Carneiro de Sousa (1990) assenta que a misericórdia é uma palavra que estabeleceu ligação com, pelo menos, outras duas ideias cruciais pronunciadas nas sagradas escrituras: compaixão e fidelidade (SOUSA, 1990, p. 205).

Dessarte, a noção de compaixão se viu relacionada aos laços familiares de maternidade e paternidade, sendo traduzida como perdão e apoio ao sofrimento mútuo em situações difíceis. Destaca-se, aqui, o sentido primeiro da palavra compaixão, *compassio* que quer dizer ‘sofrer junto’.

De outra banda, a fidelidade, por resultar de uma relação entre duas pessoas, foi associada a piedade consciente, intencional e orientada. Dessa forma, a ideia de misericórdia, que se pretendeu inculcar, é aquela que leva o indivíduo à ação prática. Para ter compaixão com os mais necessitados, o fiel deveria se mostrar piedoso de forma a orientar sua ação para o exercício de diferentes obras de misericórdia.

Todavia, nem sempre era possível assegurar que as pessoas, mesmo as mais cultas, pudessem realizar caminhos de reflexão a partir de escrituras consideradas sagradas, o que não lhes levaria a associar misericórdia à compaixão e/ou fidelidade. Ou ainda, fazer alegorias relacionais entre misericórdia e justiça, por exemplo².

De qualquer forma, como veremos nas obras literárias mencionadas a seguir, as formas de cuidado perpassavam ainda elaborações sobre o que pode ser considerado ‘cuidado com a pobreza’ e caridade. Nesses casos, se promovia o pobre a objeto da caridade - a uma posição mais elevada do que a de seu doador. Sendo o pobre aquele que proporcionava aos que detinham maior riqueza uma forma de exercer a caridade e expiar seus pecados. Eram os pobres indivíduos providos de um papel social fundamental nesta economia da salvação. A doação de esmolas, por exemplo, assegurava uma forma de sobrevivência ao pobre enquanto

2. Para entender melhor como os homens deste período faziam a associação entre Misericórdia e Justiça veja-se o “*Auto de Deus Padre e justiça e mia: obra nouamente feita em a qual se representa a Misericórdia e a Justiça perante Deos Padre...*” de Gil Vicente.

possibilitava a salvação da alma daquele que lhe prestou ajuda.

Importa observar que, desse modo, a doação de esmolas estava ligada a entendimentos do doador sobre que tipo de futuro pretendia galgar no ‘Além’. O pobre tinha o papel social de assegurar ao doador a prática de uma virtude teologal.

Não só os pobres, mas a pobreza tinham suas virtudes e funcionalidades, visão mais tarde reformulada e restaurada pelas ordens mendicantes com outros matizes. Para os religiosos eremitas, esta era a única forma de ascese espiritual. Em alguns casos, como aqueles que viveram na Espanha visigótica em mosteiros organizados sob a *Regula Isidori*, havia a obrigação de, na festa de Pentecostes, fazerem declaração solene de nada possuírem individualmente (DÍAZ, 1964, p. 223).

Noutro giro, não se pode deixar de salientar que não só benemérito foi legado a aqueles considerados pobres³. A condição de pobreza mesma era digna de contestações. Em alguns casos, eram evidentes aqueles que falseavam sua condição, se dizendo pobres para obter apoio. O problema dos “falsos pobres” não era novidade, pelo menos, desde 1427, havia uma regulamentação que exigia licença de juízes e vereadores para se mendigar em Lisboa (MENDES, 1973, p. 582).

Por outro lado, arrefecia-se a crítica a outra modalidade de pobreza, que, inclusive se mostrava desde então ao alcance de todos: a pobreza moral.

Assim, uma das grandes dificuldades do pesquisador, ao se aproximar das instituições hospitalares e de assistência no período tardo-medieval, é que essas estão sempre orientadas e organizadas em consideração à uma série de conceitos que, muitas vezes, são difíceis de definir.

4 | LIVROS QUE ILUMINAM ALGUMAS PRÁTICAS EM SAÚDE NA IDADE MÉDIA

A Bíblia foi fonte na qual se bebia entendimento do mundo e do papel social de cada um. O texto bíblico está repleto de passagens em que se evidencia uma preferência divina pelos pobres e marginalizados. Nesse bojo, os fiéis são instigados à prática da assistência e da caridade⁴.

3. Apesar de não poderem ser observadas para o caso de Portugal no final do século XV e início do XVI é curioso notar que surgem, até mesmo, discursos que pretendiam dar novo enquadramento à pobreza e a forma como lidar com ela. É o caso das ideias que defendiam o enclausuramento dos pobres como medida preventiva para os transtornos gerados nas cidades. Ao mesmo tempo foram aparecendo novas perspectivas que pretendiam diferir os pobres entre aqueles que, de fato, necessitavam da ajuda do seus irmãos dos pobres que falseavam sua condição para se aproveitar da boa vontade de outros. Alguns autores chegaram a escrever tratados sobre os pobres e sobre como resolver a pobreza das cidades. Em Portugal essas ideias tiveram penetração apenas no final do século XVI. Sobre essa temática ver: ABREU, Laurinda. Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII). Évora, Ed. Colibri, 2005. ABREU, Laurinda. Repressão e controlo da mendicidade no Portugal Moderno, In: *Asistencia y Caridad como Estrategias de Intervención Social*. Iglesia, Estado y Comunidad, (Siglos XV-XX), Bilbao: Universidad del País Vasco, 2007, pp. 95-119.

4. O cotejamento entre o ‘Compromisso do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo’ e o ‘Regimento do Hospital de

Também podemos notar, em passagens bíblicas, que a salvação poderá ser alcançada pelos ricos, apenas se a sua riqueza for colocada em favor dos pobres. Essa é uma importante assertiva para compreendermos o papel das formas materiais de assistência na baixa idade média.

Assim, na origem da reforma da assistência aos enfermos, está a espiritualidade e devoção próprias dessa relação entre ricos e pobres, cuja salvação do primeiro está na prática da misericórdia e da caridade para com o segundo.

Para entendermos a origem e a finalidade dos hospitais régios e as formas mais acabadas dos cuidados com a saúde, daquele tempo, devemos ter em mente que a caridade para com os pobres enfermos era requisito à salvação da alma dos fundadores das instituições de assistência a doentes.

O tema das obras de misericórdia, objetivo máximo da caridade tardo-medieval portuguesa, tiveram como fonte, por exemplo, as leituras do Evangelho de São Mateus. Isabel dos Guimarães Sá (1998) identificou, no capítulo 25 de um texto bíblico, doutrinação relativo à prática do que foi considerado como “sete obras corporais” (SÁ, 1998. pp .42-46).

“(...)Quando o Filho do homem voltar na sua glória e todos os anjos, com ele sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor que separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estão à direita: ‘Vinde benditos de meu pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me deste de beber; era peregrino e me acolhestes, nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim. Perguntar-lhe-ão os justos: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrinos e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?’ Responderá o Rei: ‘Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi mim mesmo que o fizeste.’

Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: ‘Retira-te de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio a aos seus anjos. Porque tive fome e não me deste de comer; tive sede e não me deste de beber; era peregrino e não me acolheste; nu e não me vestiste; enfermo e na prisão e não me visitaste.’(...)”⁵

Textos outros foram elaborados com fins a orientar formas de se praticar a caridade. É o caso da pequena obra *“Explicações das obras de misericórdia”*⁶.

Esse pequeno texto datado do século XV, em linguagem vernacular, tem um fundo

Todos os Santos’ permite observar o cuidado que os monarcas portugueses envolvidos na fundação dos hospitais tiveram em definir como objetivo dos mesmos os cuidados aos pobres enfermos. Tais documentos encontram-se publicados em: PORTUGALIAE MONUMENTA MISERICORDIARUM – volume III: A fundação das Misericórdias – O reinado de D. Manuel I. Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa; (coord. científico José Pedro Paiva) Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002.

5. BIBLIA SAGRADA. Livro de Mateus 25: 31-46.

6. Veja obra inteiramente disponível em: SOUSA, Ivo Carneiro de. *A rainha da Misericórdia na História da espiritualidade em Portugal na época do Renascimento. (policopiada)*. Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa. 1992, Universidade do Porto, Vol. 2. pp. 280-294.

pedagógico.

É uma das fontes que acreditamos dar conta de sistematizar como a temática das obras de misericórdia eram entendidas no momento. Dedicar-se, em grande parte, a comentários sobre o exercício de ‘obras corporais’ e, por isso mesmo, nos interessa em particular, uma vez que uma dessas era cuidar dos enfermos.

Como nos referimos anteriormente, as noções do momento acerca da misericórdia estão vinculadas a ação concreta do cristão. Assim também a misericórdia é apresentada neste manuscrito alcobacense. O autor, provavelmente frei Luís de Melgaço, afirma que a misericórdia é a virtude da alma que permite a ação. O cristão deve então ser movido pela misericórdia no socorro aos irmãos.

A leitura dessa pequena obra escrita, voltada para a instrução de todos os que a ela tivessem acesso, demonstra não apenas o espírito didático do autor e a “cultura de caridade” da época, mas aponta para um mapeamento preciso de temas relacionados.

Podemos perceber, com uma rápida leitura dos títulos dos capítulos da obra, quais são os caminhos a serem percorridos por aquele que quer ser considerado cristão. Primeiro, há uma definição de misericórdia como virtude motivacional, depois uma exposição das obras de misericórdia corporais e espirituais.

Apresentadas as obras de misericórdia, é feita uma exposição do que é a misericórdia divina e sua grandeza. Repisa-se mais uma vez que para alcançar a misericórdia divina devem ser feitas obras de misericórdia para com os mais necessitados. Mas, como?

*“(...) se pode guañhar a mysericordia de Deus e dezemos que de quatro guisas **a primeira por maneira de mercee assy como se damos todos nosos beens a nosos irmãos os pobres (grifo nosso)** e por esto disse Jhesu Christo no Avangelho de Sam Mateus bem aventurados [fl. 186v] som os misericordiosos ca a misericordia averam e este foy o consselho que deu Daniel a Nobucadanator contra o qual foy dada sentença por Deus dizendo rimi teus pecados por esmollas e tuas maldades em misericordia dos pobres(...)”.*

Como sugerido na transcrição, os bens materiais que abundam para uns não existem por si só. São meios para que se possa servir e auxiliar o próximo, e assim se obter a misericórdia divina. Os bens dos ricos devem ser usados dessa forma. É esse desprendimento em favor dos pobres que cria o caminho para os ricos terem acesso a privilégios misericordiosos⁷.

7. Segundo o autor da referida obra, os privilégios dos misericordiosos são assim apresentados. *“(...) dezemos que quatro o primeiro he que esta virtude de natura e as cousas que som de natura som mais onradas e mais perlongadas que as outras e por esto nom se podem tam aginha perder e asy dizia Job des a minha meninice creceo conmigo a misericordia o segundo he que os homeens misericordiosos nunca pecam a sabendas ca tal pecado como este nom vem salvo de dureza de coração a qual nom he em os homeens misericordiosos e por esto dizem que os homeens misericordiosos am coração de carne e os cruees am coração de pedra o terceiro privilegio he que os misericordiosos veem ligeiramente a peemdença ca am a alma e a vontade piadosa e porem muito aginha fazem aquello que dise o proffeta tirade de vosos corações todo mal e pecado o quarto privilegio he os misericordiosos amalabes ou nunca se perdem [fl. 198v] ca nenhuum nunca se perde se non o que em a fim de sua vida nom faz peendença e os misericordiosos sempre se arrependem muito (...)”.*Idem.

A fórmula final, presente na obra, poder ser sintetizada da seguinte maneira: é por meio do trabalho e usando dos bens materiais através das obras de misericórdia corporais e espirituais em favor dos mais necessitados que se alcança a misericórdia divina e os privilégios misericordiosos.

Faz-se agora menção a uma outra obra, publicada no início do século XVI, que se tornou bastante conhecida. É fundamental seu estudo, pois permite a identificação das obras misericordiosas e seus sentidos doutrinários. Publicada, inicialmente, em língua vernácula, reforçava a “cultura da caridade” em seu sentido religioso e prático. A obra intitulada “*Sacramental*”, de Clemente Sánchez de Vercial, publicada em 1502⁸.

Nessa, faz-se também uma boa demarcação do que deve ser entendido como misericórdia, assim como, através dessa, podem ser compreendidas as sete obras de misericórdia. Além disso, é fato confirmado que a obra referida está entre os primeiros livros impressos em língua portuguesa na península Ibérica. O que dimensionou imenso valor para a divulgação de uma série de ideias e noções de fundo religioso a um número maior de pessoas. Recebeu, inclusive, várias edições diferentes em um período inferior a um século (HORCH, 1987, p. 37).

Segundo podemos observar, nessa produção, assim é definida a misericórdia:

“Misericórdia he doerse homem da coyta e miseria de seu prouximo e christão e obra de misericórdia He oraçom de obra e a he a saber que duas maneyras som de oraçom lhua vocal que he da boca assy como a oraçom que fazemos roguando a Deos pedido-lhe algũa cousa. Outra he real que he de obra e esta he esmola e esta oraçom de obra som as obras de misericordia ou algua dellas e assi como as oras canonicas da ygreja som sete assy as obras de misericordia som sete segundo a diante se dira.”⁹

Aqui se faz a exortação à ação dos homens em favor de seu próximo. Por tratar-se de obra devocional, o objetivo é apelar para a obrigação moral do cristão, definida por Cristo e pela Igreja, com fins a promover mobilização social misericordiosa. Observa-se que o autor faz questão de afirmar que a misericórdia é tomada de atitude – “(...) *He oraçom de obra (...)*”. Sob a ótica do autor, os homens do século XVI não podem ser misericordiosos sem serem atuantes, daí o sentido de oração da obra.

A oração não deve ser apenas “*vocal*”, quer dizer, acontecer através de um contato íntimo com Deus ou a partir de devoção, mas implica em uma ação misericordiosa com valor “*real*”. O sentido dado a “misericórdia real” é que iluminará a elevação dos Hospitais reais em Portugal.

8. Utilizamos aqui duas fontes onde se pode encontrar a obra de Vercial. A primeira encontra-se disponível para download, na página da Biblioteca Nacional de Portugal, diversas cópias de diferentes edições. Utilizamos aqui a edição de 1502, publicada por João Pedro Bonhomini de Cremona (ou simplesmente Pedro de Cremona), disponível em : < <http://purl.pt/15164> >.

9. SANCHEZ DE VERCIAL, Clemente. Sacrame[n]tal/por Crimente Sanchez d^averchial bacharel em leys... – Lisboa: per loha[m] Pedro de Cremona, 28 Sete[m]bro 1502. Disponível em : < <http://purl.pt/15164> > .

A misericórdia é avivada constantemente nessa obra em sua conotação espiritual¹⁰ e novamente é retomada a ideia de ‘obras corporais’. O autor se utiliza de passagens bíblicas para explicar conceito último.

Dentre uma das obras misericordiosas, por exemplo, menciona: “*Nom soamente visitar mas dar-lhe fisico e mezinha se suas riquezas abastam*”. Essa obrigação estaria presente na ação monárquica voltada para a assistência à saúde. Tais valores foram um avanço na época no sentido de incentivarem a construção de uma política estatal assistencial de atenção à saúde que pretendia estar ao alcance de todos. Como sabemos os hospitais régios tinham sua atuação voltada não apenas para aqueles que “*suas riquezas abastam*”. Pelo contrário, sua atuação estava centrada na “*cura dos pobres enfermos*”.

Assim, buscou-se nesse momento, demonstrar como obras devocionais, de modo especial, as impressas em língua vernacular, tiveram papel importante nesse processo de expansão relacionada as atitudes de assistência aos mais necessitados. A monarquia concretiza seu legado reordenando a assistência aos enfermos de forma a ampliar a expansão das Santas Casas de Misericórdias no reino e no ultramar em consideração a tais obras.

Nesse bojo, gostaríamos de aludir à mais um dado que está relacionado a gênese do Hospital fundado em Caldas da Rainha no período: as leituras da rainha e da corte dos monarcas, assim como de D. Leonor, sua fundadora.

Leitura de algumas das obras mencionadas acima, ao que tudo indica, foram realizadas por elas. Fato comprovado a partir do Códice 11352, atualmente sob a guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.

A autora Isabel Vilares Cepeda (1987) realizou um levantamento das obras

10. Assim se apresentam as obras espirituais: “*As obras de misericórdia som sete como quer que alguns poõem xiiii mas reduzen-se a sete Ca som sete sprituaes e sete corporaes. As sete sprituaes som estas: ensynhar, conselhar, castigar, consolar, sofrer, perdoar, rogar. A premeyra he ensynhar aos ynorantes ca devemos ensynhar aos sympres que nom sabem o que fazem e nom devemos seer escassos de ensynhar o que sabemos e os prelados e os que tem curas devem ensynhar a seu povoo e a seus subditos a ter creença de Jesu Christo e emforma-los em os mandamentos de Deus e em os sacramentos da Santa Madre Ygreja (...) A segunda he aconselhar a seu prouximo se o vee errar ou estar prestes para pecar que o parta e tyre de error para que se guarde de pecar e o conselho verdadeyro he escolher o bem e leyxar o mal (...) A terceira he castigar. E primeiramente cada hum deve castigar a sy mesmo ca a caridade ordenada asy mesmo deve começar e depois correger e castigar ao que pecar (...) A quarta he consolar. Todo chrispaão boo deve consolar a seu prouximo se vee que teem algu~ua tribulaçom ou proveza ou esta em algum grande prigo e nom deve escarnecer delle nem gozar-se da sua tribulaçom e affliçom ante deve trabalhar-se de o tyrar de tristeza (...) A v he perdoar todo boo christaão deve perdoar a seu prouximo todo rancor odio e mal querença injuria offensa que lhe avia feyta (...) A vi he soffrer a seu prouximo que lhe fezer mal e lhe fezer injuria e deshonra nem deve logo tomar sanha com elle nem torvar-se e vengar-se (...) A vii He rogar. Cada hum deve rogar a Deus assi pollos vivos como pollos mortos e polla madre Sancta Ygreja que Deus a garde e deffenda e pollos reys e principes christaãos que Deus lhes de paz e perseverança em os seus mandamentos e que Deus conserve e garde a castidade aos virgeens e religiosos e continentes que prometerom castidade e aos casados de vontade as viuvas e orfaãos consolaçoões aos proves riquezas com que possam em este mundo passar, aos atribulados e afflitos o bem que desejam e consolaçom aos periginos e caminhantes que Deos os torne a suas casas, aos que andam no mar lhes de porto de saude e Deus de a todos graça e aos boons que preseverem e estem firmes em a fe. E aos maos que nom pereçam nem se percam.*” Vide a publicação disponível em: < <http://purl.pt/15164> >.

deixadas em testamento pela rainha ao Mosteiro e abadessa da Madre de Deus, em Xabregas. Em sua leitura, vislumbra-se a biblioteca da rainha, o que nos permite adentrar a esfera intelectual da monarca. D. Leonor possuía um acervo composto de obras em latim e português relativas à literatura didática, história, poesia, romance, filosofia, além das de caráter moral, religioso e, inclusive, um título ligado à medicina.

Destacaremos aqui uma obra que recebeu tradução para língua portuguesa, e primeira impressão por mecenato da mesma rainha, trata-se do “*Le livre des trois vertus*”, de autoria de Christine de Pizan que, na versão portuguesa recebeu o título de “*O Livro das Três Vertudes a Insinança das Damas*” ou, simplesmente, “*Espelho de Cristina*”.

A obra referida está construída de modo a transmitir uma série de conselhos morais às mulheres dos três estados: 1º realeza e grandes senhoras, 2º donzelas da corte e 3º burguesas e outras mulheres da corte. Nele encontramos orientações preciosas acerca das atitudes que se esperam das mulheres desses três estados. Destacamos uma passagem que trata da caridade para com os pobres. Aqui a caridade é associada a um caminho que dever ser percorrido pela princesa a fim de ter uma vida virtuosa:

“(…) Per esta via de caridade encaminhara a booa princesa. E com esto fara mais, assi como se ela reportasse a si meesma a palavra de Basillio onde diz ao rico: se tu conheces que os beens temporaaes te veerom per Deos, e tu conheces que has deles mais que outros muitos milhores que ti, pensarás, por isto, que Deos te fez justo? (...)

E a booa princesa deve seer bem avisada que compra as obras da misericordia, guardando seu estado vertuosamente, havendo boons servidores acerca de si e, isso meesmo, boons conselheiros, pera a bem conselharem e darem a eixucaçom seus boons propositos. E os senhores sempre devem a haver servidores de sua condiçom.

E ela, toda booa, haverá servidores a si semelhantes, os quaaes mandara que saibam, per toda parte, onde haverá pobres vergonhosos ou gintiis homeens doentes (grifo nosso); (...)

Nem haverá vergonha a booa pessoa de, per si meesma, vesitar os spritaaes e os pobres, acompanhada segundo seu estado. Falara aos pobres e doentes e os tocara e confortara docemente, fazendo-lhe grandes e fforecidas esmolos (grifo nosso) (...)”¹¹.

As grandes senhoras devem praticar as obras de misericórdia, dar esmolos aos “*giintis homens doentes*” sem se envergonhar de “*vesitar os spritaaes e os pobres*”. São atitudes que parecem tocar a rainha em sua assunção obrigacional que, inclusive, a levam a criação do hospital que é foco desse trabalho.

11. PIZAN, Christine. *O Livro das Três Vertudes a Insinança das Damas*. Ed. Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Caminho, 2002, p. 110-111.

5 | FUNDAÇÕES EM SAÚDE PELA NOBREZA

No século XVI, a reforma, na assistência aos enfermos, foi uma das ações principais da monarquia portuguesa com fins a garantir cuidados a seus súditos. A reorganização ou fundação de hospitais, ao que tudo indica, tinha por objetivo a cura dos enfermos.

As bases doutrinárias dessa reorganização e/ou fundação se assentaram na criação de hospitais que enfatizavam o viés espiritual dado a temática. Essas foram acompanhadas ainda da ‘distribuição de obras’, inicialmente em língua vernacular e posteriormente em língua portuguesa, que disseminavam a ideia de ‘vantagens espirituais’ associadas à realização de ações misericordiosas.

São quase sempre os indivíduos de categoria sociais mais destacadas que vão executar tais obras de misericórdia, pois entendiam que a eles se dirigiam esses discursos. Esse era o entendimento que orientava a ação (Chartier, 1991, p. 180). Não queremos dizer que os menos favorecidos não exerciam as obras de misericórdia, mas, no nosso caso de estudo, são para os menos favorecidos, principalmente, que devem ser realizadas tais obras.

Portanto, a assistência era, em primeiro lugar, uma noção bastante ampla que se fundamentava essencialmente nas sagradas escrituras, na literatura devocional, nos sermões e exegese bíblica. Consoante, a assistência se constituiu como uma ação prática em favor daqueles considerados necessitados, seja por doenças, seja por condições sociais outras. Nessa exegese que surgiram formas materializadas de assistência como os lazaretos, mercearias, albergarias e hospitais.

Não se pode deixar de destacar que tais modelos de atenção tiveram como pontos de partida acontecimentos que mudaram a Europa na Baixa Idade Média: a Peste Negra, no século XIV, e o aumento da pobreza¹². Tais fatos conduziram ao surgimento de novas formas de se entender a assistência a necessitados.

No caso da Peste Negra, destacamos os contributos ainda dos estudos de John Henderson e Katharine Park (1991). Segundo os autores, a Peste Negra não foi a responsável por mudar a ótica sobre os pobres, mas sim a ótica acerca da assistência à saúde (HENDERSON, J.; PARK, K., 1991, p. 169). Nos estudos em questão, os autores apontam para um aumento das doações aos hospitais, que se reestruturaram e promoveram certa especialização de seus espaços surgindo espaços distintos para cada grupo de enfermos.

Ainda assim, naquele tempo, visível era a incapacidade de atendimento às novas demandas geradas pelo aumento do número de pobres, um maior número de doentes, com surtos epidêmicos recorrentes, como os caso da sífilis que brotaram na segunda metade do século XV, além de crises cíclicas de abastecimento que

12. Uma boa síntese da situação pela qual passava Portugal está na obra clássica: OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

faziam crescer a quantidade de famintos.

As guerras de Reconquista, ou entre reinos, na Península Ibérica, que fizeram que aumentasse o número de viúvas e órfãos e os patrimônios utilizados em benefício dos administradores, ou mesmo mal geridos, também confabulavam aspectos desse tempo.

Foi, portanto, neste contexto geral, e no acentuar dessas transformações, que os governos perceberam a necessidade de intervir no campo da assistência.

Nesse bojo, que se fortaleceram as medidas de separação dos doentes a partir do que hoje consideramos enfermarias, principalmente no Hospital de Nossa Senhora do Pópulo. Essa forma de organização o diferenciava dos demais hospitais conhecidos em Portugal na Idade Média. Havia inclusive um ambiente destinado aos peregrinos onde se mantinha a hospitalidade.

A particularização de cuidados cabia ainda a aqueles que exerciam os ofícios de físico, boticário, cirurgião, enfermeiro e toda uma gama de viventes cujas atividades se relacionavam a cura durante o tempo de tratamento.

Entendemos que a conjugação destes aspectos tornou possível a combinação de caridade, poder político e medicina, assim como do secular e do espiritual, num mesmo espaço – o hospital. Soma-se a isso motivação religiosa enraizada pela Casa Real e elites locais que difundiam à toda a população valores tidos como morais à época. Isabel Sá denominou que a “cultura da caridade” era capaz de fundamentar um ambiente motivacional fundamental a todo processo de reordenamento da assistência, que teve como expoentes máximos os Hospitais de Todos os Santos, em Lisboa, e Nossa Senhora do Pópulo, em Caldas da Rainha.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laurinda. “*Limites e fronteiras das políticas assistenciais entre os séculos XVI e XVIII: continuidades e alteridades,*” In: *Varia Historia*. Belo Horizonte: vol. 26, n.º 44, 2010. pp 347–371.

ABREU, Laurinda. *Igreja, caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Évora, Ed. Colibri, 2005.

ABREU, Laurinda. *Repressão e controlo da mendicidade no Portugal Moderno*, In: *Asistencia y Caridad como Estrategias de Intervención Social: Iglesia, Estado y Comunidad, (Siglos XV-XX)*, Bilbao: Universidad del País Vasco, 2007, pp. 95-119.

_____. “*Purgatório, misericórdias e caridade: condições estruturantes da assistência em Portugal (séculos XV-XIX),*” *Dynamis. Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, N. 20, 2000. pp. 395-415.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Os caminhos e a assistência no Norte de Portugal*. In: *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, Actas das Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (vol.1), Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973.

BÍBLIA de Jerusalém. Paulus: São Paulo, 2002.

BRAGA, Paulo Drumond, “A crise dos estabelecimentos de assistência aos pobres nos finais da Idade Média,” In: Revista Portuguesa de História, tomo XXVI, 1991, pp. 175-190.

CEPEDA, Isabel Vilarés, *Os livros da Rainha D. Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional, Lisboa*. In: Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa: Série 2, vol. 2, N.º. 2, pp. 51-81, 1987.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol.5, N.º 11, 1991.

DÍAZ Y DÍAZ, M. *El eremitismo en la España visigótica*. In: *Revista Portuguesa de História*, Lisboa: N.º 6, 1964. pp. 217-237.

HENDERSON, John. e PARK, Katharine, “*The First Hospital among Christians: The Ospedale di Santa Maria Nuova in Early Sixteenth Century Florence*”, In: *Medical History*, vol. 35, 1991.

HORCH, Rosemerie Erika. *O primeiro livro em português, um depoimento: os caminhos percorridos para comprovar a sua existência*. In: Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa: Série 2, vol. 2, N.º. 2, 1987.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LOPES, Maria Antônia. *Pobreza, assistência e controlo social: Coimbra, 1750-1850*. Viseu: Palimage, 2000, pp. 23-84.

MARQUES, José. *A assistência no norte de Portugal em fins da Idade Média*. In: Revista da Faculdade de Letras, Porto: Vol 6. 1989, p. 11-93.

MENDES, José Maria Amado, “*Pobres e pobreza à luz de alguns documentos emanados das cortes (séculos XIV e XV)*,” In: A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média. Actas das Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol. II, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ORTIZ DE VILLEGAS, Diego. *Cathecismo pequeno de doutrina e instrução que os xpaãos ham de cree e obrar pêra conseguir a benaumentança eterna feito e copilado pollo reuerendissimo senhor dom Dioguo Ortiz bispo de çepta ...*. Lisboa: per Valent[m] Fernández alemã e Iohã Pedro Boõhomini de Cremona, 20 Julho 1504. Disponível em: < <http://purl.pt/14885> >

PIZAN, Christine. *O Livro das Três Vertudes a Insinança das Damas*. Ed. Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Caminho, 2002.

PORTUGALIAE MONUMENTA MISERICORDIARUM – volume III: *A fundação das Misericórdias – O reinado de D. Manuel I*. Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa; (coord. científico José Pedro Paiva) Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *A reorganização da caridade em Portugal em contexto europeu (1490-1600)*. In: *Cadernos do Noroeste*. Braga: Universidade do Minho. Vol. 11, n.2, 1998. pp. 31-63.

_____. *Práticas de caridade e Salvação da alma nas Misericórdias metropolitanas e ultramarinas: algumas metáforas*. In: Oceanos. Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos

Portugueses. N° 35, 1998. pp .42-50

SANCHEZ DE VERCIAL, Clemente. *Sacramental*. Lisboa: per Ioha[m] Pedro de Cremona, 28 de Sete[m]bro 1502. Disponível em : < <http://purl.pt/15164/3/> >.

SOUSA, Ivo Carneiro de. *O cardeal D. Jorge da Costa e a reforma da assistência em Portugal*. In: *Congresso Internacional Comemorativo do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga: Actas*. Braga: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa: Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, N. 2, vol. 1, pp. 646-660, 1990.

SOUSA, Ivo Carneiro de. *A Rainha D. Leonor (1458-1525): Poder, Misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SOUSA, Ivo Carneiro de. *A rainha da Misericórdia na História da espiritualidade em Portugal na época do Renascimento. (policopiada)*. Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa. 1992, Universidade do Porto, Vol. 1 e 2.

SOBRE O ORGANIZADOR

HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR - Possui graduação em Serviço Social, História e Direito pelas instituições Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá, respectivamente. Possui ainda especializações nas áreas de Historiografia Brasileira, Direito Constitucional (ambas pela Faculdade Venda Nova do Imigrante- ES) e Sociologia Urbana (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela linha de pesquisa “Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência social”. Atualmente cursa Letras junto a Universidade Cruzeiro do Sul e participa de projeto de extensão das Editoras parceiras Universidade do Livro/UNESP- Universidade Estadual Paulista com fins ao aprofundamento de elementos relacionados a editoração, preparo e produção de textos em suas diferentes modalidades. E-mail: heltonrcj@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendência 58, 64
Agricultura Familiar 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
Alfred Schütz 1, 2, 9, 12
Apiacá 78, 79, 82, 83, 84, 85
Aprendizagem 10, 38, 48, 63
Assistência 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 121, 122, 128
Atílio Vivacqua 78, 79, 82, 83, 84, 85

C

Cacheiro de Itapemirim 78, 79
Cachoeiro de Itapemirim 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90
Camundongos 92, 96, 97
Capoeira 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48
Castelo 78, 79, 82, 83, 84, 85
Crime Organizado 123, 125, 126, 133
Cultura 1, 2, 4, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 77, 80, 108, 114, 115, 116, 120, 121, 122

D

Dignidade humana 125, 132, 133
Direito Penal 123
Diversidade 18, 20, 22, 23, 24, 27, 33, 39, 48, 59, 60, 62, 80, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 101, 104, 107, 109, 132

E

Educação 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 30, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 65, 66, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 104, 110
Enfermos 110, 111, 114, 115, 117, 119
Ensino 17, 18, 19, 23, 38, 39, 40, 47, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 69, 72, 76, 77, 80, 89
Epidemiologia 90, 92, 93, 94, 103
Escola 16, 17, 19, 23, 38, 39, 43, 46, 48, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 96, 107
Espírito Santo 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

F

Foucault 38, 39, 44, 49, 61

G

Goiás 95, 98, 102, 104, 106, 107, 108, 110, 123

H

Hospitais 110, 111, 114, 116, 117, 119, 120, 126, 133

I

Idade Média 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Intersetorialidade 78, 80, 81, 89, 90

J

Jerônimo Monteiro 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

L

Lei 10.639/03 23, 39, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Literatura Africana 14, 21, 22

Literatura devocional 110, 119

M

Max Weber 2, 9

Mimoso do Sul 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

Ministério da Educação 23, 38, 49, 57, 80

Morcegos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Muqui 78, 79, 82, 83, 84, 85

P

Patrimônio 38

PNAE 78, 79, 80, 81, 82, 86, 88, 90

Políticas Públicas Intersetoriais 79

Portugal 20, 21, 26, 27, 30, 77, 90, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122

Práticas em saúde 110, 112, 113

R

Raiva 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Região Central Sul 81, 82, 83, 84, 85, 86

S

SAN 78, 79, 80, 81, 87, 88

Sociedade 2, 4, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 33, 36, 39, 45, 47, 48, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 72, 75, 81, 123, 126, 127, 130

Sociologia 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 52, 58, 65, 135

T

Tráfico de Órgãos 123, 125, 127, 129, 130

Transplante de órgãos 124, 126, 128, 130, 132

U

Unidades de ensino 48, 80

V

Vargem Alta 78, 79, 82, 83, 84, 85

 **Atena**
Editora

2 0 2 0